

A COMPARAÇÃO NAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS¹

Claudia Maria XATARA²

- RESUMO: Este trabalho tem a finalidade de enfatizar as estruturas idiomáticas constituídas pela figura da comparação. Seus comparantes são convencionalizados pelos usuários da língua e se ligam a propriedades adjetivas ou verbais específicas que, por sua vez, são atribuídas a sujeitos comparados, de traços semânticos também específicos.
- PALAVRAS-CHAVE: Comparação; comparado; comparante; metáfora; expressão idiomática.

O conceito de comparação

Para Aristóteles, segundo considerações de Tamba-Mecz (1981), a **comparação** é apenas uma “espécie” do “gênero” *metáfora*, porque a concepção aristotélica repousa na idéia de que todas as expressões que fazem que uma semelhança seja percebida decorrem de uma mesma operação do pensamento lógico, a qual chama *metáfora*. Mas, no caso da comparação, falamos de *metáfora-transferida*, não do emprego genérico de *metáfora-transferência*.

A *metáfora-transferência*, ou simplesmente *metáfora*, é definida como a atribuição (epífora) a uma realidade de uma denominação que não é a sua, atribuição que se faz por um enunciado predicativo simples (dizendo que “isto é aquilo”), ou por meio de uma predicação que

1 Parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado intitulada *As expressões idiomáticas de matriz comparativa*, defendida em 1994 na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara.

2 Departamento de Letras Modernas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP.

comporta dois elementos do tipo: *a mulher é a alma do mundo*. E Lopes (1987) nos lembra que a equivalência aqui é feita por similaridade, estabelecendo-se diversos valores de verdade (verdadeiro, falso, mentiroso etc).

A *metáfora-transferida*, ou *comparação*, por sua vez, não possui uma forma predicativa; ela não é uma epífora. Sua característica distintiva é comportar uma prótase, isto é, a primeira parte de uma comparação que corresponde ao que se chama o *comparante*, e uma apódose, a segunda parte, que é o *comparado*.

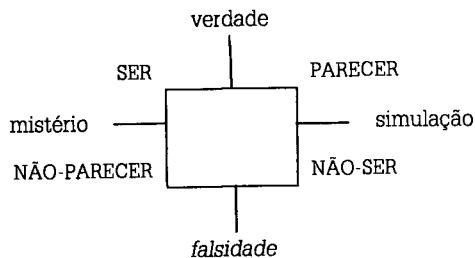
A comparação, portanto, é uma metáfora com prótase, enquanto a metáfora é uma epífora de uma denominação deslocada.

Por outro lado, não vendo a metáfora apenas como “ornamento”, Ricoeur (1975) e Lopes (1987) sustentam as pressuposições implicadas num tratamento puramente retórico (platoniano) da metáfora, em que esta não ensina nada e então, não passaria de um modo insólito de denominar as coisas. Há muitos casos em que o uso da metáfora não se justifica apenas por razões estilísticas, por simples escolhas de sentido figurado, mas por verdadeiras lacunas do vocabulário.

Além disso, Ricoeur considera a metáfora mais poderosa que a comparação porque a atribuição direta de um comparante a um comparado (*Caio é um touro*) mantém a surpresa que a comparação dissipa (*Caio é forte como um touro*) e acredita que, nos dois casos, vemos um objeto comparado a um outro, não em consequência de uma simples semelhança, mas porque esse outro parece o representante por excelência dessa base de comparação. A diferença não está, pois, somente, no “tamanho” – uma com apenas uma palavra e a outra com no mínimo duas – mas, na comparação, a aproximação entre dois conceitos não elimina a dualidade, a *tensão*, o que acontece na metáfora. Também Lopes não vê a comparação causar o mesmo efeito de estranheza que a metáfora provoca, pois o receptor parece não se defrontar com uma construção em que há ruptura de suas perspectivas programadas. Segundo ele, a comparação não surpreende, mas simula:

[a comparação é uma] figura que, longe de exteriorizar um mistério, exterioriza unicamente um parecer que, no momento em que se põe, enunciada como conjectura, confessa no fato mesmo de comparar a sua condição de não-ser. Em outros termos, a comparação, que se mobiliza epistemicamente em seu valor de verdade, como a articulação de um parecer com um não-ser, exprime um faz-de-conta, uma mentira, uma simulação. (Lopes, 1987, p.31)

E apresenta ainda (p.32) um quadro onde podemos visualizar bem as modalizações do saber da metáfora e da comparação:



Assim, o *mistério* é o lugar da metáfora e a *simulação*, o lugar da comparação, da mesma forma que a *verdade* está no enunciado do metadiscurso científico e a *falsidade* poderia permear a ironia.

Ignorada pela Poética e subordinada à metáfora pela Retórica, a comparação aos poucos vai tomando mais espaço, chegando a ocorrer uma inversão na relação entre metáfora e comparação: depois de Aristóteles, e já com Quintiliano, a comparação não é mais um tipo de metáfora, mas é a metáfora um tipo de comparação, ou seja, é uma comparação abreviada. A comparação é feita com o objeto que se quer exprimir. A metáfora é uma comparação implícita, que faz economia de todo indicio de comparação em sua formulação. A comparação traz ao discurso a própria semelhança, a própria razão da metáfora. Trata-se, aqui, da comparação qualitativa ou similitude que apresenta o mesmo desvio de isotopia que a metáfora (as duas rompem a isotopia do contexto). Para Lopes, os desvios metafóricos se dão sempre como *substituições* de um termo ausente, que sentimos como "próprio", por um tempo presente, que percebemos como "impróprio".

Ricoeur, por sua vez, não vê a metáfora como uma comparação abreviada. Na comparação não ocorre nenhuma transferência de significação: todas as palavras conservam seu sentido e as próprias representações permanecem distintas e coexistem com um grau quase igual de intensidade. É por isso que nenhuma incompatibilidade sêmica é percebida, nenhum termo é tomado em sentido figurado e o paralelismo opera entre duas linhas de termos literais, conservando seus atributos essenciais, sem que a abstração sêmica tenha de ser levada mais longe, e o acompanhamento em imagens pode continuar muito rico e as imagens muito coloridas. Na metáfora, ao contrário, a percepção de uma incompatibilidade é essencial para a interpretação da mensagem. A incompatibilidade é expressa na metáfora *in praesentia* (*José é um burro*), implícita na metáfora *in absentia* (*Que burro!*); mas, mesmo implícita, ela ainda motiva a interpretação figurada.

A analogia, então, é formalmente o esteio comum da metáfora, do símbolo e da comparação; mas a intelectualização segue uma ordem de crescimento da metáfora ao símbolo e deste à comparação. A relação analógica é um instrumento lógico na comparação, pois permanece na isotopia do contexto já que só se compara quantitativamente o que for comparável, e semântico na metáfora, instaurando uma relação entre um elemento pertencente à isotopia do contexto e um elemento que é estranho a essa isotopia e, por isso, representa uma imagem.

A comparação repousa, portanto, num uso lógico da analogia; é um raciocínio implícito; a metáfora propriamente dita repousa, por sua vez, num uso puramente semântico da analogia. Enquanto a metáfora é uma aplicação direta de um predicado, a comparação é algo mais, é uma paráfrase que *distende* a força da atribuição insólita.

A metáfora, ainda sob o ponto de vista de Ricoeur, não é a forma abreviada da comparação, mas bem ao contrário, seu princípio dinâmico.

A fim de ratificar ou não essa afirmação, lingüistas como Genette e Soublin (apud Tamba-Mecz, 1981) procuraram reconhecer propriedades essenciais do mecanismo metafórico de transposição, precisando melhor o funcionamento próprio a cada uma dessas figuras. Soublin demonstra que a classe das comparações não é homogênea, sendo impossível transformar todos os enunciados comparativos em metáforas por uma simples operação sintática de apagamento. Só a comparação, construída por meio de *como* a partir de dois enunciados em que os termos comparados são grupos nominais sujeitos de um grupo cópula-atributo, é conversível em uma *equivalência* metafórica, marcada por *ser*, depois de apagamento de *como* e do atributo. Exemplo:

Um homem em cólera é feroz como um leão.

Um homem em cólera é um leão.

Diaz (1984) também se refere ao procedimento das expressões comparativas, segundo o qual um termo comparado (1) é ligado a um termo comparante (2) por uma analogia (3) que repousa sobre o atributo dominante (4). E considera esse procedimento passível de uma transformação reducional a metáfora, por meio de três elipses, como no enunciado:

Léo (1) é burro (2) como (3) uma anta (4).

– elipse 1 [apagamento do comparante (2)]:

Léo (1) é como (3) uma anta (4).

– elipse 2 [metáfora *in prasentia* – apagamento do termo que faz analogia (3)]:

Léo (1) é uma anta (4).

– elipse 3 [metáfora *in absentia* – apagamento do comparado (1)]:

Que anta (4)!

Semelhantemente, Lopes considera comparações e metáforas como juízos resultantes da associação de dois termos tomados como impropriamente parecidos entre si. Esse juízo comparativo expressa-se por meio de uma comparação expandida (*Rafael é teimoso como uma mula é teimosa*), que constitui um enunciado primitivo, sem elipses nem supressões de quaisquer de seus elementos. Expressa-se também por meio de cada comparação condensada (*Rafael é teimoso como uma mula*), ou de cada metáfora, explícita (*Rafael é uma mula*) ou implícita (*Que mula!*).

Mas nem sempre, segundo Diaz, uma expressão comparativa é redutível a metáfora por esse mesmo procedimento:

A tristeza invade-me como um mar.

A tristeza é um mar. (?)

Da mesma forma, Gross (1986) não crê serem sempre possíveis as relações de nominalização dos pares comparativos. Em:

Marco é forte como um touro.

temos a possibilidade de uma transformação nominal:

Marco tem a força de um touro.

Todavia, essas nominalizações nunca são gerais, pois se observam freqüentemente restrições como:

Marco é magro como um palito.

Marco tem a magreza de um palito. (?)

e:

Marco pula como um cabrito.
Marco tem pulo de cabrito. (?)

Ou seja, esses dois exemplos não aceitam a mesma relação de nominalização.

De forma simétrica, o enunciado:

Marco tem um olhar de águia.

em que percebemos uma relação comparativa, não tem a forma em como associada:

Marco olha como uma águia.

Cohen (1968) apresenta uma forma canônica das expressões comparativas: *A é B como C*. Mas uma tal redução leva a negligenciar diversos aspectos da sintaxe das comparações; por exemplo, todos os enunciados que comparam uma ação verbal a um nome não terão o elemento B: *Essa roupa assenta como uma luva. / Cleuza fala como uma matraca. / Seu filho dorme como um anjo.*

Para Bouverot (apud Tamba-Mecz, 1981), o traço distintivo da comparação reside no elo gramatical que une o comparante ao comparado. Há dois tipos de comparação: a *explícita*, qualitativa ou quantitativa que comporta um instrumento gramatical de comparação ou uma forma de comparativo, e a *implícita*, marcada pelo semantismo de um verbo (*parecer* etc.) ou de um adjetivo (*parecido* etc.) ou de um sufixo (-ico, como em *cadavérico*). Exemplo:

Meu amor (1) queima (2) como (3) uma chama (4).

traz um termo comparado (1), um motivo ou predicado (2), um modalizador ou morfema de comparação (3) e um comparante (4). Trata-se de uma comparação explícita ou comparação motivada. Em:

Meu amor parece uma chama.

já não há o motivo; daí ser chamada de comparação não-motivada ou comparação implícita. Também Porcher (1979) fala desses dois tipos de comparação, mas emprega os termos "comparação motivada ou direta" e "imotivada ou indireta".

Um outro aspecto que diferencia a comparação motivada da imotivada é a precisão de seu efeito. Segundo Lamy (1979), empregando termos como “parecer”, “ser semelhante a”, a comparação se dá de maneira imprecisa, pois não se conhece nem o contexto nem a situação. *Ele parece um leão*, mas em quê? na força, imponência, beleza? Já em *Ele é forte como um leão*, indica-se um julgamento qualitativo no domínio da força, daí ser a comparação mais precisa.

No quadro abaixo, em relação a um enunciado-exemplo, podemos visualizar as diferenças de enfoque ou de terminologia de Aristóteles, Diaz, Bouverot e Tamba-Mecz (esse último representando nossa opção), sendo **Co** = elemento comparado, **Ce** = elemento comparante, **TA** = termo de analogia, **modaliz.** = modalizador ou morfema de comparação e **pred.** = predicativo dominante.

| Enunc. comparativo | Aristóteles | Diaz | Bouverot | Tamba-Mecz |
|--------------------|-------------|-------|----------|-------------|
| Luís (é) | | Co | Co | Co |
| forte | Ce | Ce | motivo | propriedade |
| como | | TA | modaliz. | |
| um touro | Co | pred. | Ce | Ce |

A comparação hiperbólica

A comparação pode ser também hiperbólica, sobretudo a idiomática, traduzindo uma modalização intensiva, um exagero por parte do enunciador e representando um estereótipo cultural. Em *sólido como uma rocha*, o comparante (*rocha*) evoca o modelo convencional da qualidade denominada pelo adjetivo *sólido*.

O *como*, muitas vezes substituído na linguagem mais distensa por “que nem” ou “feito”, é um morfema de comparação ambíguo, pois se presta a mais de uma interpretação. Assim, pode tanto indicar uma conformidade:

Fizemos tudo como você pediu.

quanto exprimir uma idéia de similitude:

Ele come como um porco.

Nesse último caso, a distância com a idéia de identidade pode ser mais ou menos reduzida conforme o contexto; a similitude, portanto, não se confunde com a identidade.

No caso dos enunciados hiperbólicos, só aparece o *como* de semelhança, embora certas restrições distribucionais orientem a interpretação para que ele ocorra; ou seja, deve haver ligação de um adjetivo a um nome:

Seu carro era rápido como um raio.

ou de um verbo a um nome:

Ela me fez partir como uma flecha.

Além dessas restrições, convém ressaltar que nem todos os enunciados com o *como* de semelhança têm significação hiperbólica. Por exemplo, no enunciado:

A moça gritava como uma desesperada.

pode-se dizer que não há hipérbole, apenas se deseja enfatizar que “a moça gritava muito”.

As restrições distribucionais não são, contudo, suficientes para determinar a significação de semelhança ou de conformidade das quais *como* é o marcador numa comparação de pivô verbal ou adjetival. Há também critérios semânticos para a interpretação das hipérbolés de forma comparativa.

Por um lado, o verbo ou o adjetivo, em torno do qual se estabelece a comparação, é o núcleo de uma dupla relação de sentido próprio com o comparante e com o comparado (*bravo como uma onça* representa uma hipérbole porque *onça* é *brava* denotativamente falando). Se uma relação figurada intervém com um ou outro dos termos da comparação ou com os dois ao mesmo tempo, o sentido hiperbólico é ou excluído ou atenuado por uma outra significação figurada (*alegre como um passarinho* não representa uma hipérbole, mas uma imagem de *alegria*).

Por outro lado, certos interativos semânticos regem a combinatória dos elementos lexicais. Para dar nascimento a uma hipérbole, é necessário que o nome ou a oração que serve de parâmetro comparativo designe um fenômeno cujas propriedades efetivas ou convenções culturais mantêm, como um modelo exemplar, a própria encarnação da característica particular tomada como base da comparação. Isso é par-

ticularmente nítido nas hipérboles estereotipadas (*amargo como fel, teimoso como uma mula, roncar como porco, viver como um paxá*, em que os comparantes *fel, mula, porco* e *paxá* são parâmetros comparativos cristalizados). E no mínimo, o sentido do comparante deve ser denotativamente mais intenso que o do comparado, para desencadear uma leitura hiperbólica. Por exemplo, em:

Este chocolate está amargo como fel.

o comparante *fel* é muito provavelmente mais *amargo* que o comparado *chocolate*.

A essa peculiaridade, Tamba-Mecz (1981) propõe a seguinte fórmula: **Co (x-) = Ce (x+)**, em que **Co**: comparado, **Ce**: comparante, **X**: propriedade em relação ao Co e Ce, =: relação de identidade assimétrica, -: valor inferior, e +: valor superior.

As vezes a desproporção entre o comparado e o comparante está ligada ao emprego de um comparado singular e um comparante plural e vice-versa, ou ao emprego de um coletivo, como no enunciado:

Elas faziam barulho como uma boiada.

Enfim, a operação que chega a uma amplificação exagerada ou hipérbole, corresponde a uma intenção retórica precisa.

A comparação irônica

Tratemos agora do sentido figurado intensivo antifrástico ou paradoxal.

O termo “antífrase” designa, aqui, apenas uma significação estrutural diametralmente oposta à precedente. Há os enunciados idiomáticos que apresentam um exagero em direção contrária – são as hipérboles comparativas “de inferioridade”. Em:

Meu vizinho é sutil como um elefante.

a propriedade *sutil* é negativa, significando que *meu vizinho não é nem um pouco sutil*. Subsiste, então, uma intensificação exagerada, mas essa repousa em um dos antônimos (*inábil*) do adjetivo empregado (*sutil*). Aproxima-se do que Freud chama “a representação pelo contrário”. Isso se evidencia ainda mais com o possível acréscimo ao comparante de modificadores, como em:

Ele é sutil como um elefante numa loja de cristais.

Estamos na confluência da ironia da litotes e da antífrase, para retomar a terminologia da retórica tradicional. A ironia é um dos efeitos de sentido da antífrase, procedimento de expressão pelo contrário; sem o conhecimento do propósito irônico, instaurar-se-ia um paradoxo (como um elefante pode ser sutil!?).

Os dois termos, litotes e antífrase, são muitas vezes confundidos na tradição retórica que mistura os critérios formais e semânticos, pois a litotes recai, ao inverso da antífrase, numa forma negativa que equivale a uma afirmação reforçada (por exemplo: *ele não é nada bobo = ele é muito esperto*).

E lembrando Jakobson, para o qual a “metáfora” é um tropo em que a significação natural de uma palavra é substituída por outra, em virtude da relação de *semelhança* subentendida, as comparações anti-frásticas repousam, igualmente, numa comparação de semelhança, como as comparações hiperbólicas, mas à diferença dessas últimas, a equação estabelece-se passando de um positivo a um negativo absoluto. Então:

Co (x) = Ce (-x), em que x simboliza uma propriedade, -x a negação dessa propriedade, e o positivo do predicado comum ao comparado e ao comparante é igual à sua própria negação. Assim, pode-se dizer que *meu vizinho não é sutil tanto quanto um elefante não o é*.

A comparação idiomática

Como qualquer expressão idiomática, as expressões idiomáticas de matriz comparativa são frases mínimas, formas em que os elementos – propriedades adjetivas ou verbais e comparantes – não podem ser omitidos, mas não resultam de um processo de criação de um indivíduo, num determinado momento, constituindo um recurso poético que garante o caráter de surpresa; representam, sim, um automatismo desgastado pela frequência de seu uso, que não leva o receptor a pensar na sua interpretação.

Essa cristalização na memória coletiva não prescinde, porém, da criatividade do falante ou escritor, para obter nos usuários o efeito desejado. Uma vez aprendidas, muitas se prestam à análise, à interpre-

tação, baseando-se em sua estrutura interna, no sentido literal de seus constituintes, e nas relações (metafóricas, metonímicas etc.) entre seu sentido literal e seu sentido idiomático.

Quanto ao funcionamento interno da comparação nos idiomatismos, podemos concluir que a sujeitos comparados, de traços semânticos específicos (\pm animado, \pm animal, \pm humano, \pm coisa...), são atribuídas propriedades adjetivas (alegre/triste, belo/feio, branco/preto, claro/escuro, corajoso/covarde, fácil/difícil, forte/fraco, grande/pequeno, leve/pesado, novo/velho, rico/pobre...) ou propriedades verbais (andar, beber, cair, comer, chegar, chorar, correr, dormir, falar, fumar, gritar, morrer, nadar, rir, viver...). Essas condições enunciativas definidas são ligadas, então, aos comparantes, isto é, aos parâmetros escolhidos e convencionalizados pelos usuários da língua, constituídos por diversos campos semânticos, sendo os principais: os *alimentos* (água, mel, ovo, pão, pimentão...), os *animais* (anta, bezerro, bode, boi, burro, cão, cavalo, cobra, coruja, elefante, galinha, galo, gambá, gato, lesma, lobo, macaco, mosca, papagaio, porco, rato, sapo, tartaruga, touro...), as *crenças e superstições* (alma, anjo, cruz, Deus, diabo, fantasma, inferno, profeta, santo...), os *fenômenos físicos* (ar, chuva, dia, furacão, luz, neve, noite, ventania...), os *minerais e rochas* (aço, chumbo, diamante, ferro, mármore, pedra, rocha...), os *objetos variados* (bola, estátua, flecha, navalha, palito, peneira, porta...), as *partes do corpo* (cabeça, cara, dedo, dente, mão, nariz, olho, peito, perna, unha...), as *profissões* (mordomo, padre, palhaço, polícia, político, professor...), as *relações de parentesco* (filho, mãe, mulher, pai, sogra...), os *vegetais* (bambu, fumo, limão, rosa...) e o *vestuário* (bolso, calça, camisa, sapato, veludo, vestido...).

Não seria, pois, nada estranho se fizéssemos ou ouvíssemos o seguinte comentário: *Fulana e Beltrano vivem como cão e gato, porque são diferentes como o dia e a noite. Ela, feia como o diabo e teimosa como uma mula, treme como vara verde toda vez que ele, gordo como uma baleia e fedido como um bode, bebe como um gambá e chega falando como um papagaio e obrigando-a a trabalhar como uma escrava. Fulana, aguardando que um dia ele morra como um passarinho, agüenta tudo, mansa como um cordeiro e fria como o mármore, pois Beltrano é bravo como uma onça mas é rico como um marajá...*

XATARA, C. M. The comparison in idioms. *Alfa (São Paulo)*, v.41, p.211-222, 1997.

- **ABSTRACT:** *This paper intends to tackle the idiomatic structures constituted by comparison. Their "comparants" are conventionalized by language users and are linked to specific adjective and verbal properties, which, in their turn, are attributed to compared subjects also with specific traits.*
- **KEYWORDS:** *Comparison; compared; "comparant"; metaphor; idiom.*

Referências bibliográficas

COHEN, J. La comparaison poétique: essai de systématique. *Langages (Paris)*, n.12, p.43-51, 1968.

DÍAZ, O. Observations sur les expressions lexicalisées. *Cahier du Centre Interdisciplinaire des Sciences du Langage (Toulouse)*, n.5, p.139-52, 1984.

GROSS, M. Les nominalizations d'expressions sigées. *Langue Française (Paris)*, n.69, p.64-84, 1986.

LAMY, A. Apprentissage de la comparaison: démarche grammaticale et notionnelle. *Le Français Dans le Monde (Paris)*, n.143, p.47-59, 1979.

LOPES, E. *Metáfora: da retórica à semiótica*. 2.ed. São Paulo: Atual, 1987. 112p.

PORCHER, M. C. Systématique de la comparaison dans la poésie saskrite. *Poétique (Paris)*, n.38, p.175-97, 1979.

RICOEUR, P. *La métaphore vive*. Paris: Seuil, 1975. 414p.

TAMBA-MECZ, I. *Le sens figuré*. Paris: Presses Universitaires, 1981. 199p.

Bibliografia consultada

BÁRDOSI, V. Les comparaisons idiomaticques du français. *Annales Universitatis Sceintiarum Budapestinensis de Rolando Eötvös Nominatae (Budapeste)*, p.21-4, 1982.

LAKOFF, G., JOHNSON, M. *Metaphors with live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. 241p.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

PUGLIESI, M. *Dicionário de expressões idiomáticas, locuções usuais da língua portuguesa*. São Paulo: Parma, 1981. 309p.